

FACULDADE SANTA LUZIA
CURSO DE ENFERMAGEM

RUTH FERREIRA BARROS CORRÊA

**OS DESAFIOS DA MATERNIDADE EM MÃES PRIMÍPARAS: revisão de
literatura**

SANTA INÊS-MA
2024

RUTH FERREIRA BARROS CORRÊA

OS DESAFIOS DA MATERNIDADE EM MÃES PRIMÍPARAS: Revisão de literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade Santa Luzia, como parte dos
requisitos para a obtenção do título de
graduada em Enfermagem.

Orientador(a): Mestranda Gracilene Oliveira da
Silva.

SANTA INÊS-MA

2024

ABRIGO BARROS, RENATA

C824d

Corrêa, Ruth Ferreira Barros.

Os desafios da maternidade em mães primíparas: revisão de literatura/. Ruth Ferreira Barros Corrêa. – Santa Inês: Faculdade Santa Luzia, 2024.

35 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Faculdade Santa Luzia, 2024.

Orientador(a): Prof.^a: Esp. Gracilene Oliveira da Silva.

1. Gravidez. 2. Mãe primípara. 3. Desafio. I. Silva, Gracilene Oliveira da. II. Título.

CDU 616-08

Modelo de ficha catalográfica elaborado pela Bibliotecária Alicianeide Nunes, CRB 502/13.

SANTA INÊS-MA

502

RUTH FERREIRA BARROS CORRÊA

OS DESAFIOS DA MATERNIDADE EM MÃES PRIMÍPARAS: Revisão de literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Santa Luzia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de graduada em Enfermagem.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Mestranda Gracilene Oliveira da Silva.

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Santa Inês, 29 de abril de 2024

Dedico este trabalho ao meu esposo
Jordean Silva Corrêa

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares e professores pelo apoio durante a minha graduação.

CORRÊA, Ruth Ferreira Barros. **OS DESAFIOS DA MATERNIDADE EM MÃES PRIMÍPARAS.** 2024. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Faculdade Santa Luzia, Santa Inês, 2024.

RESUMO

Este estudo teve por finalidade discutir sobre os desafios da maternidade em mães primíparas, destacando seus aspectos principais, as percepções e desafios durante o pré e pós-parto. O objetivo geral foi discutir sobre os desafios da maternidade enfrentados por mães primíparas na atenção básica de saúde destacando o papel da enfermagem nesse processo. A metodologia consistiu em uma revisão bibliográfica e documental, qualitativa nas bases de dados Lilacs, Scielo e Google Acadêmico, nos quais foram selecionados 24 artigos entre 2012 e 2022, nos quais apenas 16 foram discutidos a partir das categorias “aspectos gerais das mães primíparas” e “percepções e desafios”. Concluiu-se que os 16 artigos apresentaram objetivos condizentes com a proposta desse estudo, embora em dez anos de produções, nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2018 não identificamos nenhuma referência que trate diretamente sobre a temática.

Palavras-chave: Gravidez. Mãe Primípara. Desafio.

CORRÊA, Ruth Ferreira Barros. **THE CHALLENGES OF MOTHERHOOD IN PRIMIPAROUS MOTHERS.** 2024. 39f. Final Course Work (Graduation in Nursing) - Santa Luzia College, Santa Inês, 2024.

ABSTRACT

The aim of this study was to discuss the challenges of motherhood faced by primiparous mothers, highlighting their main aspects, perceptions and challenges during the pre- and post-partum periods. The general objective was to discuss the difficulties faced by primiparous mothers in primary health care, highlighting the role of nursing in this process. The methodology consisted of a qualitative bibliographic and documentary review of the Lilacs, Scielo and Google Scholar databases, in which 16 articles were selected between 2012 and 2013, which were discussed using the categories "general aspects of primiparous mothers" and "perceptions and challenges". It was concluded that there is a need for more in-depth studies on the subject because, in ten years, there were no specific studies on the subject in four years.

Keywords: Pregnancy. Primiparous mother. Challenges.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVOS.....	8
2.1 Objetivo geral	8
1.3 Objetivos específico	8
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
4 METODOLOGIA	15
4.1 Tipo de Estudo	15
4.2 Periodo.....	15
4.3 Amostragem	15
4.4 Critérios de Seleção	15
4.4.1 Inclusão	15
4.4.2 Não Inclusão	15
4.5 Coleta de dados	15
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	17
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A primeira gravidez representa grandes mudanças e desafios na vida de uma mulher e depende de diversos fatores para ocorrer de forma tranquila e desejada, tornando a maternidade fácil ou difícil a partir de sua própria vivência, expectativas e significados. Esse processo leva a questionamentos, receios e ao mesmo tempo representa um sonho para muitas mulheres (Zannettini *et al.*, 2019).

O fato é que nem todas as mulheres têm o desejo da maternidade, todavia, é possivelmente na infância que se começa a construir essa identificação com a maternidade, através da relação com a mãe e avós, das brincadeiras com bonecas, etc., chegando a outras fases da vida. Quando a mulher decide ter um filho de forma planejada, é porque se sente preparada para assumir essa responsabilidade pelo resto da vida (Zannettini *et al.*, 2019).

Nesse sentido, a primeira maternidade, que pode ser tanto na adolescência, quanto na idade adulta, é denominada de primípara e se evidencia a partir do impacto físico e psicológico da confirmação da gravidez provocando a diversidade de sentimentos nas futuras mães, não importando sua idade. Muitas vezes esse termo é associado à gestação na adolescência em decorrência dos altos índices de gravidez precoce, entretanto, na atualidade, devido a uma série de fatores, as mulheres estão optando por ser mães depois dos 30 (trinta) anos ou mais (Zanata; Pereira; Alves, 2017).

O pré-natal é considerado momento de transição para a maternidade, e, portanto, é fundamental o acompanhamento por uma equipe de saúde especializada que possa orientar, atender e acolher essas futuras mães, demonstrando aspectos importantes como a amamentação e outros cuidados. Esse momento não se resumo ao acompanhamento de possíveis intercorrências, mas para estabelecer também os laços de confiança entre a futura mãe e a equipe que vai auxiliá-la durante o parto (Demarchi *et al.*, 2017).

Com o parto, a mãe primípara tende se reestruturar, assumindo quase que inteiramente a responsabilidade pela rotina de cuidados com o recém-nascido, o que acaba se tornando o primeiro desafio, tanto no aspecto físico, quanto no mental psicológico, às vezes se tornando exaustiva e estressante. Quando há impactos profundos nessas mudanças com a rotina de cuidados com um bebê, algumas dessas mulheres sofrem com problemas como depressão pós- parto, ansiedade,

crises de pânico, etc., necessitando de ajuda psicológica. (Zanata; Pereira; Alves, 2017).

A partir dessas premissas, este projeto de pesquisa tem como objetivo central discorrer sobre os desafios da maternidade em mães primíparas, tanto no período gestacional, quanto no puerpério, de modo a refletir sobre como se constrói a relação entre o processo natural da maternidade e o elemento sociocultural da maternagem na atualidade. Nesse sentido, apresenta-se a seguinte questão:

Que tipos de desafios são enfrentados por mães primíparas durante a gestação e o pós- parto?

Os estudos apontam que entre os desafios mais relatados pelas mães primíparas estão amamentação, engasgo, regurgitação, banho e higiene, etc., sendo que todas essas demandas podem ser facilitadas com a orientação adequada e com a atenção da equipe de saúde na promoção do vínculo entre a mãe primípara e seu filho (Demarchi *et al.*, 2017).

Dentre as soluções estão o auxílio da equipe de saúde, considerando principalmente a atuação do profissional da enfermagem, na perspectiva de atuação junto às mães primíparas para orientar, acolher e acompanhar durante todo o processo da gestação. (Demarchi *et al.*, 2017).

A gravidez é um momento de transição na vida da mulher, que faz com que se sinta insegura, ansiosa e inexperiente em relação aos cuidados com o bebê, principalmente quando é o primeiro filho. São muitos os desafios e os impactos provocados pela maternidade, sendo fundamental um pré-natal que possibilite antever essas transformações, assim como o pré e pós-parto através de atendimento humanizado na atenção básica de saúde (Zanata; Pereira; Alves, 2017).

Neste sentido, essa pesquisa se justifica como uma grande reflexão sobre a importância dos cuidados da enfermagem no enfrentamento dos principais desafios que alcançam as mães primíparas antes, durante e depois do parto, informando sobre as mudanças no contexto familiar, as dúvidas das mulheres com relação ao seu papel como mãe, assim como o cuidado da enfermagem nesse processo de gestação e pós-parto, constituindo a justificativa social e acadêmica da proposta de estudo. As lacunas teóricas, conceituais e práticas, foram verificadas durante a pesquisa, na qual buscou aspectos mais recentes sobre o tema.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Discutir sobre as percepções e dificuldades enfrentadas por mães primíparas antes, durante e após o parto.

2.2 Objetivos específicos

- Demonstrar os aspectos gerais da mãe primípara na literatura da área da saúde
- Apresentar a percepção das mães primíparas sobre a maternidade
- Apontar os desafios mais comuns para as gestantes e puérperas primíparas

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020, p. 1) a gravidez ou gestação humana resulta da fecundação do óvulo (ovócito) pelo espermatozoide que: “habitualmente, ocorre dentro do útero e é responsável pela geração de um novo ser”.

É um processo que normalmente dura 9 meses ou até 42 semanas, e segundo Tatianne Cavalcante Frank e Sandra Marisa Peloso (2013) a liberação do feto ocorre através do parto que representa o conjunto dos fenômenos naturais ou mecânicos durante o nascimento da criança, tanto de parto normal, quanto por cesariana, sendo que esta representa o maior número de partos realizados na atualidade, com taxas que chegaram a 52% em 2010.

A crença popular muito difundida de que o sonho de toda mulher é se tornar mãe é contestada por diversos estudiosos como Angélica Zannettini *et al.* (2019, p. 656):

No entanto, sabe-se que nem sempre é assim que acontece, pois, a mulher ao passar por diferentes experiências de vida, envolvendo as condições emocionais, aspectos culturais, relações afetivas e a qualidade dos cuidados que recebeu na sua infância, vai assim nascendo seu próprio processo de ser mãe.

As autoras destacam ainda que é a partir do modo de vida dessa pretendente mãe é que a maternidade pode se tornar: “uma experiência fácil ou difícil, lembrando que cada gestação acontece de maneira diferente e com significados variados, gerando assim um ser único” (ZANNETTINI *et al.*, 2019, p. 656):

Embora nem todas as mulheres tenham a intenção de gerar uma criança, para Edinara Zanatta, Caroline Rubin Rossato Pereira e Amanda Pansard Alves (2017, p. 3) esta projeção ocorre geralmente na infância, ou seja: “por meio das primeiras relações e identificações da mulher, passando pela infância e adolescência, até constituir-se na gestação propriamente dita”.

Rafael Fernandes Demarchi *et al.* (2017, p. 2664) destaca que a maternidade também faz parte do desenvolvimento psicológico da mulher, especialmente no momento de confirmação da gravidez uma vez que: “a ela é exigido a reestruturação e reajusteamento de sua vida, tanto em primíparas como em multíparas, com o

propósito de que a experiência ocorra de modo saudável tanto para a mãe como para o bebê".

Decorrentes desse processo de confirmação, desenvolvimento e conclusão da gestação, a mulher vivencia diversos sentimentos como alegria ou tristeza, satisfação ou insatisfação, que se misturam às mudanças físicas, relacionadas também ao aspecto mental (ZANATTA; PEREIRA; 2017). Nesse sentido, existe a definição para a primeira gestação denominada de primípara que conforme Adriana Paula Morais de Albuquerque *et al.* (2022, p. 2):

O termo primípara não significa que a mulher seja adolescente, pois não está relacionado à idade, e sim à sua experiência, pois são mulheres que vivenciam pela primeira vez a maternidade e isso muitas vezes acontece tardiamente, pois a mulher passou a ocupar lugar de destaque na sociedade, após o século XX, assumindo cargos antes privativos de homens e por estas conquistas acabaram mudando seu comportamento, adiando o desejo da maternidade para priorizar a carreira profissional.

Isso implica que geralmente o termo primípara é associado à gravidez na adolescência, todavia o real significado é sobre a primeira gestação, não importando a idade. A primeira relação entre mãe e bebê se estabelece nos primeiros meses de gestação:

Através das alterações corporais, quando a barriga e seus seios começam a crescer, através dos movimentos fetais, onde a mesma passa a perceber a presença de um novo ser, sendo que algumas mães conversam e cantam para seus filhos, estabelecendo vínculos afetivos, mesmo antes do nascimento (ZANNETTINI *et al.*, 2019, p. 657).

Existe ainda a idealização da futura mãe de como será a rotina de cuidados, embora a realidade seja completamente diferente às vezes. No entanto, complementa-se que a:

Relação mãe-filho se desenvolve de maneira gradual, cada uma com seu tempo, ritmo e maneira própria, que não tem uma receita pronta para dizer como deve ser esse relacionamento e até mesmo como se configura, mas ambos vão se reconhecendo e vivendo essa experiência (ZANNETTINI *et al.*, 2019, p. 657).

Durante o pré-natal, Albuquerque *et al.* (2022, p. 2) destaca a importância da equipe de saúde: "acolher, orientar e incentivar as mulheres primíparas" em diversos aspectos sobre a maternidade, como, por exemplo, o aleitamento materno, seus benefícios e dificuldades.

O pré-natal tem como finalidade promover a transição para a maternidade, especialmente em mães primíparas, possibilitando que em pelo menos 40 semanas possa assimilar a ideia de maternidade: “tempo esse que não corresponde necessariamente ao tempo cronológico de vivência dessa passagem de papéis, mas ao tempo que cada uma necessita para alcançar o papel materno” (Demarchi *et al.*, 2017, p. 2664).

Nesse sentido, desde o ano 2000 foi implementado o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN) com o objetivo de promover a saúde e humanização da gestação, parto e puerpério da mulher:

Onde institui que o início do pré-natal deve ser realizado no primeiro trimestre, o mais breve possível após confirmação da gravidez. Desta forma a mulher pode ser preparada durante as consultas, recebendo informações e orientações, permitindo que enfrente a missão de ser mãe com mais tranquilidade, pois a falta de informações podem gerar preocupações desnecessárias e expectativas frustradas (DEMARCHI *et al.*, 2017, p. 2664).

Isso implica também que a perspectiva está centrada na humanização do nascimento e seus aspectos principais como conceitos e percepções dos conhecimentos, práticas e das atitudes que envolvem os partos humanizados desde o pré-natal até o puerpério, em que os profissionais envolvidos sejam capazes de promover procedimentos salutares às parturientes, sem intervenções desnecessárias e considerando a sua autonomia e protagonismo nesses processos.

Com o parto (natural ou cesárea) a mulher passa por uma reestruturação total em que a família assume papéis e tarefas diferenciadas, e: “desta forma, as tarefas parentais alteram o quotidiano da vida do casal, especialmente da mãe, a qual assume a maior parte das responsabilidades dos cuidados ao bebê”, segundo identificam Júlia Maria das Neves Carvalho, Maria Filomena Ribeiro Fonseca Gaspar e Alexandrina Maria Ramos Cardoso (2017, p. 286).

Amanda Gomes Fernandes *et al.* (2017, p. 1) o período pós-parto é denominado de puerpério, provocando mudanças significativas na rotina, e impactando a mulher em seus aspectos fisiológicos e psicológicos: “as novas experiências, a mudança no horário de descanso, o manuseio do recém-nascido e a expectativa da amamentação, levam a primípara a sentir mudanças físicas e emocionais nunca experimentadas”.

Júlia Maria das Neves Carvalho (2020) aponta que os primeiros meses pós-parto geralmente são os mais desafiadores, e como consequência pode provocar estresse em ambos os pais, especialmente na mãe, que fica com a maior responsabilidade de cuidados com o filho recém-nascido.

Marcelo Gonçalves da Silva, Veronica Aparecida Pereira e Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues (2021, p. 225) fazem uma reflexão sobre o papel social que foi imposto às mulheres ao longo do tempo, visto que: “exigiu-se, então, que a mulher não fosse somente aquela quem gerava e dava a luz ao bebê, mas que garantisse alimentação, educação e que lhe transmitisse os valores morais”.

Na atualidade as concepções, especialmente associadas ao feminismo delimitam que as mulheres não são obrigadas a ser mães se não quiserem, embora existam em diversas sociedades mecanismos legais repressivos para obrigá-las à maternidade, como as leis antiaborto, por exemplo. Diante disso, os autores identificam três grupos de mulheres distintos:

No primeiro grupo estão aquelas que se realizam na maternidade, fazendo deste seu principal papel ou agregando-o, satisfatoriamente, a outros papéis desempenhados na vida moderna. No outro grupo estão as mulheres que sofrem com a imposição e sobrecarga relacionada à maternidade, e em um terceiro, aquelas que decidem não ter filhos (SILVA; PEREIRA; RODRIGUES, 2021, p. 225).

O interessante da discussão dos autores é sobre diferenciar a maternidade, que é algo natural aos animais e humanos, e a maternagem que é o “conjunto de cuidados dispensados ao bebê com o objetivo de atender às suas necessidades tanto de “continência” como o ato mecânico de segurar o bebê no colo ou alimentá-lo, como também de suporte físico e emocional” (Silva; Pereira; Rodrigues, 2021, p. 226).

Isso implica que após o nascimento do primeiro ou segundo filho, a maternagem se efetiva juntamente como o processo de reorganização do núcleo familiar, sendo que: “as demandas tornam-se maiores e exigem dos pais reorganização da rotina para atender às exigências do bebê e, no caso de pais multíparos, conciliá-las com as necessidades dos outros filhos” (Castoldi et al., 2014 apud. Silva; Pereira; Rodrigues, 2021, p. 226).

Com relação às mães primíparas, independente da idade, quase tudo é novidade na sua relação com o bebê, e dependendo dos fatores associados a interação entre a puérpera e seu bebê pode trazer desafios diversos.

Segundo Deyce Danyelle Lopes Silva *et al.* (2021) as principais dificuldades elencadas pelas mães primíparas nos dias de puerpério são a amamentação, engasgo e regurgitação, banho e higiene, etc., demonstrados na tabela 1.

Tabela 1: Principais dificuldades das mães primíparas durante o puerpério

Dificuldades	Total	Percentagem
Amamentação	17 a 22	77,2%
Engasgo e Regurgitação	15	68,2%
Banho e Higiene	10	45,5%
Choro	06	27,3%
Vacinas e as reações adversas	06	27,3%
Soluços	05	22,7%
Infecções Diarreicas	05	22,7%
Cólicas	03	13,6%

Fonte: elaborado pela autora a partir de Silva *et al.* (2021, p. 3).

Como observado na tabela 1, a principal grande dificuldade enfrentada está relacionada à amamentação, que conceitualmente representa a: “estratégia natural de vínculo, afeto, proteção e nutrição para a criança e constitui a mais sensível, econômica e eficaz intervenção para redução da morbimortalidade do feto” (Albuquerque *et al.* , 2022, p. 2).

Nesse aspecto os autores identificam pelo menos três períodos: a primeira secreção conhecida como colostro, geralmente na primeira semana, o leite de transição e o leite maduro, devendo ocorrer meia hora após o nascimento e durar no mínimo seis meses (Albuquerque *et al.* , 2022).

Para Aisiane Cedraz Morais *et al.* (2020) as dificuldades de amamentar está relacionadas a diversos fatores como falta de orientação adequada durante o pré-natal, desconfortos físicos como a falta de privacidade, dor ao amamentar, etc. Nesse caso, o papel do profissional da enfermagem é orientar a gestante e à

puérpera qual a melhor posição para a mãe e recém-nascido durante a amamentação, conforme destaca Talita Bruna Oliveira Gonçalves (2021).

Nesse exposto é fundamental também que a enfermeira ou o enfermeiro possua a capacidade de contribuir com a geração de vínculo afetivo entre a mãe primípara e seu bebê, que será importante para a autonomia aos cuidados que serão por toda a vida do seu filho ou filha.

4 METODOLOGIA

Este é um estudo bibliográfico e documental, qualitativo que discutiu sobre os principais desafios enfrentados pelas mães primíparas na atualidade, considerando a visão dessas mães e a atuação e os desafios mais comuns durante o parto e o pós-parto. Por ser baseado em conteúdos já analisados de referencial teórico publicados em periódicos a partir de artigos científicos, este trabalho está de acordo com a definição de Gil (2002) sobre pesquisa bibliográfica que é um levantamento de pesquisas anteriores sobre um tema dentro de um embasamento teórico e metodológico que envolve essas pesquisas.

4.1 Tipo de estudo

Este estudo é bibliográfica, documental e qualitativo.

4.2 Período

A pesquisa foi realizada no período de janeiro a março de 2024.

4.3 Amostragem

A amostra foi composta pelas referências bibliográficas e documentais como artigos científicos em periódicos da área da saúde;

4.4 Critérios de Seleção

4.4.1 Inclusão

Foram selecionadas referências e fontes bibliográficas publicadas desde 2012 até a atualidade, somente em português.

4.4.2 Não inclusão

Não foram inclusas as referências em inglês, espanhol ou outros idiomas, que não o Português, além de textos publicados em blogs ou redes sociais.

4.5 Coleta de dados

A busca foi realizada nas plataformas Lilacs, Scielo e google acadêmico, tendo como descritores: gravidez, mãe primípara e desafios. A análise crítica dos dados coletados foi feita através de fichamentos e quadros.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa na base Lilacs não apresentou resultados com os três descritores, apenas com os descritores gravidez e mãe primípara foi identificada e selecionada

Para definir a busca e seleção das referências foi realizada uma pesquisa por palavras-chave na base de dados Portal de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), na qual a palavra “gravidez” apresentou 57 resultados, as palavras “mãe primípara” não apresentou nenhum resultado e a palavra “desafio” apresentou 06 resultados.

A pesquisa dos DeCS possibilitou a definição do limite temporal que foi de 2012 a 2023, sendo selecionadas referências entre 2012, 2016, 2017, 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023, a partir dos critérios de inclusão: artigos publicados em periódicos brasileiros e internacionais, texto em português, coletados no Portal da Literatura Latino- Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), na Scientific Electronic Library Online (Scielo BR) e no Acadêmico Google.

No portal da LILACS e na Scielo BR, na pesquisa com descritores, foram identificados e selecionados apenas 1 artigo para cada base de dados. No Google Acadêmico com os descritores foram selecionados 15 artigos restantes que compõem esse estudo caracterizados no quadro 1, a partir do ano de publicação, periódico, banco de dados, tipo de pesquisa e autores.

Quadro 1: Caracterização dos Periódicos Pesquisados

Nº	Ano de Publicação	Periódico	Banco de Dados	Tipo de Pesquisa	Autor(es)
01	2012	Pensando Famílias	Google Acadêmico	Descritiva, Analítica e qualitativa	Lima, G. J. Kruel, C. S.
02	2016	Rev. de Enferm UFPE on line	Google Academico	Descritiva, Exploratória e qualitativa	Branco, D. V. C. et al.

03	2017	Rev. Invest Educ Enferm.	Google Academico	Descritiva, Exploratória e qualitativa	Carvalho, J. M. das N.; Gaspar, M. F. R. F; Cardoso, A. M. R.
04	2017	Rev. de Enferm UFPE on line	Google Academico	Descritiva, Exploratória e qualitativa	Dermachi, R. F. <i>et al.</i>
05	2017	Anais do CongreFip	Google Academico	Descritiva	Fernandes, A. G. de. <i>et al.</i>
06	2017	Rev. Pesquisas e Práticas Psicossociais	Google Academico	Exploratória e Descritiva	Zanata, E; Pereira, C. R. R; Alves, A. P;
07	2019	Id on Line: Rev. Multidisciplinar e de Psicologia	Google Academico	Descritiva, Exploratória e qualitativa	Lelis, B. D. B. <i>et al.</i>
08	2019	Rev. Escola Anna Nery	Scielo	Descritiva e Qualitativa	Vasconcelos, M. L. <i>et al.</i>
09	2019	Revista Cuidado é Fundamental	Lilacs	Descritiva, Exploratória e qualitativa	Zanettini, A.. <i>et al.</i>
10	2020	Revista da Universidade	Google Academico	Descritiva, Exploratória e	Carvalho, J. M. das N.

		do Porto		qualitativa	
11	2020	Rev. Enfer. Contemp. Salvador	Google Acadêmico	Descritiva, Exploratória e qualitativa	Morais, A. C. et al.
12	2020	Rev. Eletrônica. Acervo Saúde	Google Acadêmico	Descritiva, transversal e qualitativa	Garcez, B. D. et al.
13	2021	Rev. da Escola de Ciências Sociais da PUC/GO.	Google Acadêmico	Descritiva	Gonçalves, T. B. O.
14	2021	Rev. Eletrônica. Acervo Saúde	Google Acadêmico	Descritiva, transversal e quanti-qualitativa	Silva, D. D. L. et al.
15	2022	Recisatec- Rev. Cient. Saúde e Tec.	Google Acadêmico	Descritiva, Exploratória e qualitativa	Albuquerque, A. P. M. de et al.
16	2023	Rev. Brasileira de Orientação Profissional	Google Acadêmico	Qualitativa e Longitudinal	Silva, L. B. et al.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Os artigos selecionados possibilitaram que as discussões a partir das seguintes categorias: 1- Aspectos Gerais das Mães Primíparas e 2- Percepção e Desafios

Conforme o disposto no quadro 1, do total de artigos selecionados, 11 estão relacionados à categoria 2 (percepção e desafios), sendo identificados pelos números: 01; 02; 03; 04; 09, 11, 12, 13, 14, 15 e 16. Os outros 5 artigos estão na

categoria 1 (aspectos gerais das mães primíparas) pelos números 05, 06, 07, 08 e 10. O quadro 2 apresenta a distribuição dos artigos analisados por categorias.

Quadro 2 – Distribuição das publicações conforme cada categoria

Nº	Categoria	Objetivo de Estudo
01	2	Investigar a experiência da maternidade em mulheres primíparas no retorno às atividades laborais.
02	1 e 2	Analizar a percepção de mães primíparas sobre a maternidade tardia.
03	2	Identificar as principais dificuldades sentidas por mães primíparas no pós-parto, nos primeiros seis meses de vida do bebê
04	2	Investigar a percepção de gestantes e puérperas primíparas sobre maternidade.
05	1	Identificar as estratégias de enfermagem no estímulo ao aleitamento natural para primíparas.
06	1	Conhecer as mudanças percebidas pelas mães primíparas em si, em seus relacionamentos e na rede de apoio a partir da vivência da maternidade.
07	1	Analizar e compreender os sentimentos de puérperas primíparas que participaram do curso de gestante e suas consequências na prática do cuidar relacionados à maternidade no contexto do parto, nascimento e cuidados com o neonato.
08	1	Compreender como a mãe primípara exerce o cuidado materno ao filho menor de seis meses no domicílio.
09	2	Compreender as interfaces das vivências relacionadas à primeira experiência de mães adolescentes e adultas, buscando identificar a

		construção da interação mãe-bebê.
10	1	Identificar as principais dificuldades sentidas pelas mães primíparas nos primeiros seis meses de vida do bebê, de modo a construir, implementar e avaliar o impacto de um programa de educação parental na diminuição do seu nível de estresse e no aumento da sua confiança materna.
11	2	Compreender a percepção da puérpera primípara sobre o processo da amamentação no Alojamento Conjunto.
12	2	Investigar o conhecimento sobre o aleitamento materno de primíparas atendidas em uma maternidade de Teresina, PI.
13	2	Identificar as principais dúvidas e dificuldades de mães primíparas ao prestar os cuidados ao recém-nascido; conhecer as necessidades de mães primíparas relativas aos primeiros cuidados ao recém-nascido;
14	2	Identificar as principais dúvidas e dificuldades vividas pelas puérperas primíparas em relação ao recém-nascido.
15	2	Investigar as contribuições da enfermagem na assistência ao aleitamento materno em mulheres primíparas.
16	2	Analizar as mudanças nas expectativas profissionais, nas situações no trabalho de valor afetivo e nos conflitos e interfaces positivas trabalho-família de trabalhadoras que se tornaram mãe pela primeira vez.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Destaca-se ainda que a grande maioria das publicações é do ano de 2017 com 4 publicações, 2019 com 3 publicações, 2020 com 3 publicações e 2022 com 2 publicações. A partir dessa sistematização, segue a discussão das categorias.

5. 1 Aspectos Gerais das Mães Primíparas

A gravidez para uma mulher primípara apresenta basicamente algumas transformações físicas, mentais e emocionais nas mulheres como aumento da mama, percepção diferente de cheiros e gostos, sonolência, enjoos, alegria, satisfação, tristeza, insegurança, etc. que as mulheres multíparas também enfrentam (Zanata; Pereira; Alves, 2017).

No segundo trimestre, as mudanças corporais e psicológicas são mais visíveis, com o crescimento dos seios e barriga, mudanças no rosto e nos membros superiores e inferiores com a presença de inchaços nos últimos meses de gravidez, surge a preparação do enxoval e do quarto, os movimentos do bebê na barriga ficam mais evidentes e a necessidade de uma rede de apoio antes, durante e principalmente após o parto (Zanata; Pereira; Alves, 2017).

Conforme Branco *et al.* (2016) existe um aumento no percentual de mães primíparas acima de 35 (trinta e cinco) anos por conta de fatores relacionados à busca por uma união estável e estabilidade financeira, sendo a gestão tardia o principal desejo dos pais na atualidade, pois se planejam emocionalmente e financeiramente para a chegada de um bebê.

A gravidez tardia apresenta riscos após os 35 (trinta e cinco) anos e: “faz-se necessário seguir com rigor o acompanhamento pré-natal com equipe multidisciplinar nas unidades básicas de saúde para que possa ser identificado qualquer problema que a gestante venha a apresentar” (Branco *et al.*, 2016, p. 2060).

Estes pré-natais devem seguir uma série de procedimentos anotados no cartão da gestante, como exames, vacinas, alteração de peso e altura no útero, pressão arterial, batimento cardíaco do feto e a idade gestacional. Muitas mães primíparas não seguem o pré-natal de forma adequada por não achar importante o número de consultas, falta de apoio familiar, não querer sair durante o trabalho, ou unidades de saúde distante de casa (Branco *et al.*, 2016).

Segundo Fernandes *et al.* (2017) é no pré-natal que as gestantes primíparas estabelecem uma conexão com o/a enfermeira que passa a dar as primeiras informações sobre a maternidade, especialmente quanto aos cuidados com o recém-nascido, como aleitamento natural e passagem dos nutrientes ao bebê.

Segundo Carvalho (2020) a consulta pré-natal inclui o rastreamento de aspectos importantes como o ganho ponderal, o incentivo ao descanso com regularidade, exercício físico, boa higiene, e aconselhando ao não uso de drogas como o álcool e cigarro.

O puerpério consiste no período após o parto até seis semanas após este, conforme cada mulher, se caracterizando por alterações fisiológicas e mentais, dentro do ciclo gravídico puerperal, que faz com que a mulher volte ao estado anterior à gravidez (Lelis *et al.*, 2019).

Esse período é necessário apoiar não somente a mãe primípara e o recém-nascido, mas os outros familiares, na qual a equipe de saúde reconhece os aspectos físicos, psicológicos, econômicos, além da vivência da mãe com as complicações puerperais, e a necessidade práticas educativas sobre o tema (Lelis *et al.*, 2019).

Nesse sentido, de acordo com as autoras o acolhimento à puérpera é fundamental, pela equipe de saúde da família para acompanhar o pós-parto, detectando possíveis problemas de saúde, e ajudando nos desafios iniciais que essas mães primíparas passam nesse processo de adaptação e transformação de sua vida.

É importante que as mães primíparas sejam informadas sobre os benefícios do seu leite natural, e da amamentação pelo menos nos seis primeiros meses de vida, sendo o único alimento necessário nesse período. Assim como não haja cobrança, por parte da equipe de enfermagem, sobre a forma como essas mães compreendem esse processo (Fernandes *et al.*, 2017).

Sobre a rede de apoio após o nascimento do recém-nascido estão o companheiro da mãe e a avó materna, geralmente experientes em relação à maternidade, sendo uma das pessoas com maior vínculo com a mãe e que passa segurança nesse período de descobertas e desafios para as mães primíparas (Zanata; Pereira; Alves, 2017).

Ainda de acordo com Zanata, Pereira e Alves (2017) pai se destaca também nesse apoio às mães primíparas pelo apoio nas tarefas e o apoio emocional, construindo também um vínculo com o/a filho/a recém-nascido/a. Concordamos que

ao passar por essa experiência de cuidados diretos com a criança nas primeiras semanas, possibilita que esse pai perceba os desafios e os benefícios da maternidade e da paternidade e tenha mais empatia nos momentos que a esposa apresente insegurança e estresse.

Conforme Vasconcelos *et al.* (2019) para as mães primíparas, o cuidado com o recém-nascido demanda muitas horas de dedicação, necessitando de um suporte que deve ser ofertado pela família, assim como pela equipe de saúde da família, especialmente aquelas mães que necessitam retornar ao trabalho.

As dificuldades ao manusear o bebê, especialmente durante o banho, deve ter acompanhamento de uma pessoa com experiência, pois além da fragilidade da criança nesse período, a mãe primípara tem medo de segurá-lo, e de manipulá-lo para que não o machuque (Vasconcelos *et al.*, 2019).

A comunicação entre mãe e bebê acontece a partir dos sinais naturais e não verbais, que são assimilados pela mãe e que influenciam suas ações na hora do cuidado, como o choro associado ao momento antes do aleitamento, por exemplo, e que passa a ser intencional à medida que a criança se desenvolve até o uso da linguagem (Vasconcelos *et al.*, 2019).

5.2 Percepções e Desafios

De acordo com Lima e Kruel (2012) a experiência da maternidade vem de se modificando associada às transformações comportamentais e subjetivas das mulheres na atualidade, sendo que há algumas décadas passadas, as mulheres assumiam o papel de esposa, mãe, sendo que a maternidade a colocava no principal papel social, sendo restrita ao ambiente doméstico e aos cuidados do esposo e filhos, raramente trabalhando fora, principalmente quando era de classe média ou alta, além de ser economicamente dependente do marido.

Atualmente o nascimento do primeiro filho transforma as mulheres. E hoje também necessitam trabalhar e muitas vão escolhendo suas carreiras, metas e desejos em detrimento da maternidade, portanto, o impacto da maternidade é maior quanto mais se tem idade (Lima; Kruel, 2012).

Muitas têm o desejo de ser mãe e planejam o nascimento dos filhos, seja por realização pessoal ou profissional, seja pelo avanço da idade, e ao confirmar a

gravidez a mulher passa por diversos momentos da euforia à preocupação com a responsabilidade que a espera (Lima; Kruel, 2012).

A futura mãe que também é trabalhadora, geralmente não deixa sua rotina laboral em decorrência da gravidez até que inicie a licença maternidade, e quando a gestação é saudável, sem intercorrências ou riscos, essas atividades seguem normalmente (Lima; Kruel, 2012).

Existem recomendações do Ministério da Saúde (MS) quanto aos cuidados necessários diários para o desenvolvimento do recém-nascido, evitando doenças e agravos como: amamentação sem restrições quanto ao horário e tempo, podendo mamar de 8 a 12 vezes por dia (Gonçalves *et al.*, 2021).

Quanto ao choro, existem diversas razões como fome, cólicas, adaptação à vida extra-uterina, tensão no ambiente, sendo que na maioria das vezes o cuidado para acalmar vem com o aconchego ou colocar no peito, o que gradativamente vão compreender como segurança e proteção à medida que se desenvolvem (Gonçalves *et al.*, 2021).

O maior desafio apontado pelas autoras para essas mães primíparas foi se adaptar à dupla jornada após retornar ao trabalho, além da angustia de se separar por algumas horas da criança que ainda é um bebê, sendo essencial deixar o (a) a filho (a) com uma pessoa de confiança, e a divisão entre trabalho, criança e as demandas do lar, as vezes leva ao cansaço físico e mental (Lima; Kruel, 2012).

De acordo com Branco *et al.* (2016) quando a primeira gravidez acontece a partir dos 40 anos, é resultado de uma série de frustrações provocadas por fatores diversos e que também implicam em um risco maior de complicações se comparado às multíparas.

Na pesquisa de Branco *et al.* (2016), com relação aos primeiros cuidados com os filhos recém-nascidos, essas mães tardias primíparas consideraram bastante difícil devido à inexperiência e ao medo. E em decorrência disso, as autoras apontam que essas dúvidas deveriam ser esclarecidas durante as consultas do pré-natal.

Quanto às mudanças, nessa pesquisa as mães relataram que a rotina agora é outra, com menos liberdade, mais tarefas domésticas e mais tempo para os cuidados com a criança, aumentando as responsabilidades, e para as que trabalham, a sobrecarga de conciliar trabalho e cuidado com o/a filho/a (Branco *et al.*, 2016).

Conforme Carvalho, Gaspar e Cardoso (2017) um dos primeiros desafios no pós-parto está relacionado às complicações como dores, principalmente nas costas e cansaço físico e mental, tanto pelo dispêndio de energia durante o parto, quanto por fatores como mudança no horário e diminuição do sono, etc.

A amamentação foi o segundo desafio mais citado em decorrência de fissuras na mama, ingurgitamento mamário, pedras nas mamas. O desconforto com a ferida cirúrgica no períneo, provocando dores na região, e dificuldades quanto à regularização intestinal e evacuação, foi o terceiro desafio mais citado (Carvalho; Gaspar; Cardoso, 2017).

O quarto desafio passou pelos cuidados com o bebê como as dificuldades de pegar a mama, a saciedade do bebê. O quinto está relacionado à higiene e ao conforto do bebê como a temperatura certa para não sentir frio, sobre os produtos a utilizar durante o banho, cuidados com a higienização do cordão umbilical, e a manipulação segura durante e após o banho (Carvalho; Gaspar; Cardoso, 2017).

Para Dermachi *et al.* (2017) a primeira percepção da mulher primípara quanto à maternidade é reorganização da dinâmica familiar, especialmente quanto aos comportamentos, prioridades, nova rotina, etc., tornado-as mais cuidadosas, sensíveis, amadurecidas e pessoas melhores, na qual a maternidade se torna um compromisso intenso ainda na gestação.

Concordamos com os autores que as mudanças corporais e financeiras também é uma percepção e um desafio, a primeira em decorrência do gasto com enxoval e a segunda com as mudanças ao longo da gestação como peso, crescimento da barriga, insônia, incontinência, aspectos emocionais e psicológicos como medo, angustia, dúvidas, alegrias, tristezas, etc. (Dermachi *et al.*, 2017).

Sobre a percepção de se ver como mãe, a maioria das mulheres identificou como experiência positiva, e de felicidade, e que embora o impacto inicial da descoberta da gravidez se constitua um verdadeiro “choque” para algumas, a maternidade passa a se construir a cada semana, chegando a se sentir segura, confiante e feliz (Dermachi *et al.*, 2017).

O estudo de Zanettini *et al.* (2019) destaca que a idealização e percepção da maternidade entre as mães primíparas na gestação e durante o puerpério muda completamente pois a rotina se apresenta de outra forma, mas mesmo assim, se mantém a percepção positiva e afetuosa desse processo.

Muitas mães ficam traumatizadas com o momento do parto, e algumas mães acabam projetando esse trauma na relação com inicial com os filhos, ou seja, algumas revelam que detestam o papel de mãe, embora ame os filhos, demonstrando estado de depressão pós-parto (Zanettini *et al.*, 2019).

Nos cuidados com o aleitamento materno exclusivo, as mães primíparas percebem o significado como garantia de saúde para o recém-nascido, para melhor se desenvolver e promover a imunidade no organismo que possui fragilidades. E por ser um alimento completo, deve ser incentivado pela equipe de saúde que faz o acompanhamento da puérpera (Morais *et al.*, 2020).

Os desafios da amamentação também são percebidos pelas mães primíparas através do despreparo durante o pré-natal, desconforto físico e pela privacidade na hora de amamentar, pega incorreta e ordenha ineficiente, devendo a mulher ter direito a uma assistência durante o puerpério pela equipe de saúde da família (Morais *et al.*, 2020).

Um dos desafios para as mães primíparas apontado por Garcez *et al.* (2020) é o desmame precoce, que se constitui um grave problema de saúde pública e que se manifesta devido a idade da mãe, primariedade, mercado de trabalho, baixa escolaridade, uso precoce de fórmulas lácteas, chupetas, mamadeiras.

Quando a primípara passa por um parto cesárea, a amamentação apresenta mais desafios, e quando a gravidez é considerada de risco, e geralmente não são informadas durante o pré-natal sobre a forma correta de posicionar a criança na pega da mama, e a possibilidade de doer (Garcez *et al.*, 2020).

Quanto ao uso da mamadeira para introduzir água, chás e outras fórmulas lácteas, devem ser evitados ao máximo, pois pode levar ao desmame precoce e ao aumento da morbimortalidade, por ser importante fonte de contaminação e influenciar na amamentação de forma negativa (Gonçalves *et al.*, 2021).

Durante o banho, os desafios se encontram no medo de machucar o recém-nascido devido à fragilidade física, quanto à temperatura ideal da água para dar banho, e o desconhecimento sobre os produtos ideais para utilizar na higienização íntima e do coto umbilical (Gonçalves *et al.*, 2021).

Quanto ao profissional ou equipe de enfermagem, pode contribuir para diminuir as dúvidas entre as puérperas através da orientação e educação em saúde informando sobre a melhor forma de amamentar e higienizar o recém-nascido, a importância das vacinas, a troca de fraldas, etc. (Gonçalves *et al.*, 2021).

Segundo Silva *et al.* (2021) a amamentação é um dos principais desafios da mãe primípara, chegando a não oferecer o aleitamento materno por conta das atividades laborais, problemas na mama, desconhecimento sobre o processo de amamentar e a introdução precoce de alimentos.

Portanto, ter uma boa experiência inicial da mãe com a amamentação, evita que ela não dê continuidade de amamentar de forma exclusiva, por conta principalmente do desconhecimento e da insegurança, pois o leite materno é o único alimento e bebida recomendada durante os seis primeiros meses. Algumas mulheres passam pela hipogalactia que é a diminuição da secreção láctea chamando de leite fraco, constituindo um desafio para prosseguir somente com a amamentação de forma exclusiva (Silva *et al.*, 2021).

O segundo desafio apontado por Silva *et al.* (2021) consiste no engasgo e regurgitação, nas quais as mães primíparas revelaram a preocupação de como proceder caso o bebê se engasgue por conta do gofo. Após a amamentação a mãe pode colocar a criança para arrotar, e se não ocorre, colocar de lado para evitar a broncoaspiração.

Durante o engasgo o procedimento correto do socorrista é inclinar a criança de bruços, e dar uns pequenos tapinhas, ajudando no deslocamento do alimento, e não dar tapas, ou assoprar o rosto e chacoalhar se estiver na posição vertical, pois pode piorar o engasgo (Silva *et al.*, 2021).

Para Albuquerque *et al.* (2022) os profissionais da saúde deve aprender, apoiar e ensinar a melhor forma de uma mãe primípara amamentar, e informar sobre o período de lactação que apresenta três períodos:

O colostro é a primeira secreção das glândulas mamárias, ocorrendo na primeira semana após o parto, depois o leite de transição surge na segunda semana do pós-parto, sendo o elo entre o colostro e o leite maduro que ocorre a partir da segunda quinzena do pós-parto (Silva *et al.*, 2022, p. 3).

Nesse sentido, a equipe de enfermagem deve informar sobre a importância da proteção contra doenças infectocontagiosas, gastrointestinais, respiratórias, prevenindo a icterícia, promovendo o ganho de peso de forma adequada, apresenta um baixo custo se comparado com o leite industrializado, etc. (Albuquerque *et al.*, 2022).

Finalizando o exposto, Silva et al. (2023) destacam que um dos principais desafios está relacionado à licença-maternidade e retorno ao trabalho das mulheres primíparas, sendo que as relações podem ser tanto negativas, no sentido de conflitos entre a perspectiva de trabalhar fora e deixar a criança aos cuidados de outras pessoas, que embora confiáveis, ainda persiste a preocupação se o cuidado está sendo ideal, e do ponto de vista positivo, na qual essa rede de apoio possibilita que a mulher possa trabalhar sem grandes preocupações com o seu bebê.

6 CONCLUSÃO

O presente estudo tratou-se de uma revisão bibliográfica revisão bibliográfica, de caráter documental e qualitativa realizada na base de dados Lilacs, Scielo e Google Acadêmico que possibilitou a análise de produções que abordaram sobre os desafios enfrentados pelas mães primíparas na atualidade, a partir das suas percepções e da atuação da equipe de enfermagem antes, durante e após o parto.

Foram selecionados 16 artigos que apresentaram objetivos condizentes com a proposta desse estudo, embora em dez anos de produções, nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2018 não identificamos nenhuma referência que trate diretamente sobre a temática.

A primeira categoria apresentou os aspectos gerais da mãe primípara, nas quais discutiu-se sobre as transformações físicas e mentais, mães primíparas tardias e os riscos de uma gestação após os 35 anos, pré-natal e puerpério, dentre outros para dimensionar um pouco da complexidade da primeira gestação.

Nessa categoria o que ficou mais evidente é a importância da educação em saúde, especialmente no pré-natal voltado para as mães primíparas buscando informar sobre todas as mudanças e procedimentos quanto aos cuidados com o bebê após o parto.

A segunda categoria tratou das percepções e desafios das mães primíparas tanto durante a gravidez, quanto o pós-parto, e embora ser primípara seja confundida com mães adolescentes, muitas mulheres, devido às escolhas profissionais, pessoais e emocionais estão engravidando cada vez mais tarde.

Dentre os desafios mais citados estão a amamentação e as complicações como dores e desconforto, os cuidados com o bebê como higiene e conforto. A preocupação com o trabalho e as mudanças nas finanças com o aumento de despesas também foi bastante citado. É evidente também que à medida que a

gestação vai se desenvolvendo a percepção das mulheres nos diversos estudos sobre o que é a maternidade, muda completamente quando passam a exercer os cuidados de mães no pós parto. Nesse exposto, aponta-se a necessidade de desenvolver mais pesquisas voltadas à temática, para delimitar os avanços quanto o enfrentamento de desafios das mães primíparas na atualidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Adriana Paula Morais et al. ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A MULHERES PRIMÍPARAS PARA O ALEITAMENTO MATERNO: DESAFIOS E POTENCIALIDADES. **RECISATEC-REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA-ISSN 2763-8405**, v. 2, n. 1, 2022.

BELTRAME, Greyce Rocha; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Maternidade e carreira: desafi os frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, n. 38-39, 2012.

BIANCHETTI, Breno Menegale; COSTA, Raphaela Serafin Rulli. Principais dúvidas das mulheres primíparas e de seus companheiros/as referente aos cuidados dos recém-nascidos: uma revisão de literatura: Main doubts of primiparous women and their partners regarding the care of newborns: a literature review. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 7, p. 54055-54065, 2022.

CASTELO BRANCO, Derivânia Vieira et al. PERCEPÇÃO DE MÃES PRIMÍPARAS SOBRE A MATERNIDADE TARDIA. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, v. 10, n. 6, 2016.

BRASIL. **GRAVIDEZ**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: [CARVALHO, Júlia Maria das Neves; GASPAR, Maria Ribeiro Fonseca Filomena; CARDOSO, Alexandrina Maria Ramos. Desafios da maternidade na voz das primíparas: dificuldades iniciais. **Investigación y Educación en Enfermería**, v. 35, n. 3, 2017.](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/g/gravidez-1#:~:text=A%20gravidez%20%C3%A9%20um%20evento,e%20para%20toda%20a%20fam%C3%ADlia. Acesso em: 11 de abr. 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

CARVALHO, Júlia Maria das Neves. **Adaptação à maternidade: influência de uma intervenção de educação parental em mães primíparas**. 280f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Universidade do Porto. Porto- PT, 2020.

DEMARCHI, Rafael Fernandes et al. Percepção de gestantes e puérperas primíparas sobre maternidade. **Rev. enferm. UFPE on line**, 2017.

FERNANDES, Amanda Gomes et al. ESTRATÉGIAS DA ENFERMAGEM NO ALEITAMENTO NATURAL PARA COM AS PRIMÍPARAS. **6º CONGREFIP**, 2017.

FRANK, Tatianne Cavalcante; PELLOSO, Sandra Marisa. A percepção dos profissionais sobre a assistência ao parto domiciliar planejado. **Rev Gaúcha Enferm.** 34, (1), 2013.

GAMA, Silvana Granado Nogueira da et al. Fatores associados à cesariana entre primíparas adolescentes no Brasil, 2011-2012. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 30, p. S117-S127, 2014.

GARCEZ, Barbara Brenda Dias et al. Avaliação do conhecimento sobre aleitamento materno de primíparas atendidas em uma maternidade de Teresina, Piauí. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, p. e4640-e4640, 2020.

GONÇALVES, Talita Bruna Oliveira. **Gestação de primíparas: superando dificuldades e barreiras**. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem). Escola de Ciências Sociais e da Saúde. Pontifícia Universidade Católica de Goiás/PUC. Goiânia, 2021.

LÉLIS, Beatriz Dutra Brasão et al. Acolhimento Puerperal no Contexto Atribuído às Primíparas/Puerperal Reception in the Context Assigned to the Primiparous. **ID online. Revista de psicologia**, v. 13, n. 45, p. 287-301, 2019.

DE LIMA, Larissa Gress de; KRUEL, Cristina Saling. A Experiência da Maternidade em Mulheres Primíparas no Retorno às Atividades Laborais¹. **Pensando Famílias**, 16(1), jul. 2012

LOPES, Katiuscia Danyla Carvalho Lima et al. Dificuldades nos cuidados ao recém-nascido: realidades de puérperas primíparas. **Revista de Saúde Pública de Santa Catarina**, v. 8, n. 3, p. 19-33, 2015.

MARTINS, Elis Mayre da Costa Silveira et al. Percepções de primíparas sobre orientações no pré-natal acerca do aleitamento materno. **Rev rene**, v. 14, n. 1, p. 179-186, 2013.

MORAIS, Aisiane Cedraz et al. Amamentação no alojamento conjunto: percepção de mães primíparas no puerpério imediato. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 9, n. 1, p. 66-72, 2020.

DE SALES, Cecilia Gardenia; DE AVELAR, Telma Costa; DOS SANTOS ALÉSSIO, Renata Lira. Parto normal na gravidez de alto risco: representações sociais de primíparas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 303-320, 2018.

SANTOS, Joanice Gonçalves dos et al. Avaliação de recém-nascidos de adolescentes primíparas que utilizaram medicamentos durante a gravidez. **ANAIIS DO CBMFC**, n. 12, p. 422, 2013.

SILVA, Marcelo Gonçalves da; PEREIRA, Veronica Aparecida; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. Investigações sobre a maternagem: comparando mães multíparas e primíparas na interação mãe-bebê. **Pensando famílias**, v. 25, n. 2, 2021.

SILVA, Deyce Danyelle Lopes et al. Principais dificuldades vivenciadas por primíparas no cuidado ao recém-nascido. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e5498-e5498, 2021.

SILVA, Gheorgia Magiorie Polla da et al. MÃE! E AGORA? PERSPECTIVAS DE MULHERES PRIMÍPARAS SOBRE A GESTAÇÃO E A MATERNIDADE. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 1, p. 941-959, 2023.

SIMAS, Flavia Baroni et al. Significados da gravidez e da maternidade: discursos de primíparas e multíparas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 1, p. 19-34, 2013.

SILVA, Lília Bittencourt et al. Maternidade e trabalho de mulheres primíparas: da gestação ao retorno ao trabalho1. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 24, n. 1, p. 57-69, 2023.

VASCONCELOS, Maria Lucíola et al. Cuidado à criança menor de seis meses no domicílio: experiência da mãe primípara. **Escola Anna Nery**, v. 23, 2019.

ZANATTA, Edinara; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato. “Ela enxerga em ti o mundo”: a experiência da maternidade pela primeira vez. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 4, p. 959-972, 2015.

ZANATTA, Edinara; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato; ALVES, Amanda Pansard. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 3, p. 16, 2017.

ZANETTINI, Angélica et al. As vivências da maternidade e a concepção da interação mãe-bebê: interfaces entre as mães primíparas adultas e adolescentes. **Rev. pesqui. cuid. fundam.(Online)**, p. 655-663, 2019.